

Em a 67



Proletários de todos os países, uni-vos !

OUTUBRO

Orgão trotsquista brasileiro
Pela reconstrução da IVª Internacional

Nº 1

ABRIL 1972

A P R E S E N T A Ç Ã O

Com este número, OUTUBRO pretende iniciar uma longa vida política. Ele é fruto de um trabalho militante de marxistas brasileiros, e, a este título, perfeitamente conscientes da necessidade de um partido revolucionário, condição "sine qua non" para que uma revolução seja levada à vitória.

Tampouco alimentamos ilusões segundo as quais o partido - esta arma indispensável à emancipação da classe operária - possa ser forjado nos quadros nacionais. E como poderíamos pensar de outra maneira?

O Manifesto do Partido Comunista já nos explicava, desde 1848, que "o proletariado não tem pátria", e que "mesmo se sua luta se faça nos quadros nacionais sua essência é internacional". É, portanto, na mais absoluta fidelidade, tanto aos escritos de MARX, quanto à batalha que o absorveu durante muitos anos, isto é, a da construção da I Internacional, que entendemos engajar a nossa batalha.

Mas, muitas décadas se passaram desde a morte de MARX até nossos dias. E, neste intervalo o proletariado foi vítima de infames traições, que nem MARX nem ENGELS jamais poderiam ter imaginado. A classe operária conheceu a traição da Social-Democracia e do Stalinismo; cada qual, em nome do marxismo, cravou-lhe nas costas o punhal da contra-revolução. Duplamente pérfido, todavia, é o

Stalinismo, por também usurpar o nome da Revolução de Outubro.

Foi para preservar a integridade do bolchevismo que LEON TROTSKY dedicou os últimos anos de sua vida à árdua tarefa de construir a IV INTERNACIONAL.

É a partir daí que se pode compreender nossa decisão de chamarmo-nos OUTUBRO.

Este nome nos refere à tradição da mais profunda revolução anti-capitalista e anti-imperialista realizada até nossos dias, como também nos refere à Revolução dos Conselhos húngaros de outubro de 1956, onde a classe operária pôs-se de pé contra o stalinismo e pela instauração da ditadura do proletariado.

A IV INTERNACIONAL concentra em seu programa a mais alta expressão da luta contra o capitalismo e contra toda sorte de traidores da classe operária, notadamente o stalinismo. Eis porque confundimos nossa batalha revolucionária com a da reconstrução da IV Internacional. Chamamos entretanto a atenção para o termo RECONSTRUÇÃO, que não é fortuito. Ele corporifica a rejeição das teorias avançadas pelo ex-dirigente da IV Internacional, PABLO, segundo as quais tratar-se-ia de revisar, "adaptar à época presente o Programa de Transição". Suas teorias, se foram fortemente combatidas pelos que hoje se agrupam em torno do COMITE INTERNACIONAL (pela reconstrução da IV Internacional), não foram sufici



entamente derrotadas e puderam conduzir à dislocação da organização fundada por TROTSKY.

A corrente pablista dividiu-se, por sua vez, e cada uma destas divisões "estruturou" sua própria "IV Internacional". Todas elas guardaram maior ou menor fidelidade às idéias defendidas por PABLO. Eis porque, em graus variados e em tempos diferentes, todas elas maculam a bandeira do Trotsquismo. A mais importante é inegavelmente o Secretariado Unificado da "IV Internacional". Dirigida por MANDEL-FRANK-MAITAN, identifica-se de corpo e alma na América Latina com o anti-operário PRT-El Combatiente, sobretudo com seu braço armado: ERP (Ejército Revolucionário do Povo).

Todos estes assuntos abordados serão objeto de estudos detalhados a partir do próximo número. Não que consideremos tais assuntos desligados de nossa problemática, mas no momento os pablistas não existem fisicamente no Brasil! Neste primeiro número - por razões absolutamente técnicas - não nos referiremos especificamente a eles, sem contudo prejudicar a compreensão dos problemas mais pertinentes à revolução brasileira.

Para sermos precisos, é necessário acrescentar algumas palavras sobre o Posadismo, única corrente pablista que conseguiu formar uma pequena seita. Últimamente desapareceram quase completamente da cena política, tanto a nível nacional quanto internacional. Uma das últimas notícias recebidas por nós dizia respeito a um crescente interesse pelo ... reformismo militar.

Com certeza já dedicamos ao Posadismo um tempo desproporcional a sua importância internacional. Entretanto - lástima! - seremos obrigados a deter-nos um pouco mais a seu respeito, assim como voltar a êle posteriormente. Isto porque até a formação da Organização Comunista 1º de Maio e da Fração Bolchevique-Trotsquista em 1968, o Posadismo denigriu o Trotsquismo sem que nada lhe barrasse o caminho.

Nada mais natural que os brasileiros que conheceram o Posadismo colocassem um sinal de igualdade entre êste e o Trotsquismo.

O Posadismo foi desde sempre uma das mais infames negações do Trotsquismo, em nome do Trotsquismo! Vejamos alguns de seus aspectos históricos:

O Posadismo chegou ao Brasil em 1958, isto é, quatro anos antes de POSADAS romper com PABLO-MANDEL-FRANK e decidir formar uma "IV Internacional" associada a seu nome. Evidenciando suas origens políticas - o pablismo -, substitui a luta pela construção do partido independente e revolucionário do proletariado pela política de "influenciar tendências".

No caso brasileiro estas tendências seriam as direções sindicais pelegas (MIA por exemplo), e o nacionalismo pequeno-burguês (Brizola, Julião, AP, etc.). De acordo com sua lógica, estas direções, "sob a pressão da situação objetiva e das massas", evoluiriam à esquerda e executariam as tarefas que em princípio incumbem às direções revolucionárias.

No plano internacional, as direções a influenciar foram as mais variadas - e cumpre salientar

que entre elas encontravam-se Fi del Castro, Mao-tse-tung, o Baas sirio -, e hoje é a vez do General Alvarado!

Posadas justifica sua posição ultra-oportunista e liquidadora com uma teoria emprestada de Pablo, e que seu próprio autor abandonou. Segundo êle, a guerra atômica é inevitável e iminente, e daí decorre a impossibilidade de construir o partido e a Internacional pela "ausência de tempo histórico". Ao final da guerra, o socialismo cobriria todo o planêta!

Não tivesse sido desastrosa pelo tempo e militantes honestos que deitou a perder, como sobretudo pelos desvios e confusões que criou em nome do Trotsquismo, em nome do Programa de Transição e da IV Internacional, a orientação e o catastrofismo posadista ("construir o socialismo sobre o túmulo de milhões e milhões de cadáveres") seriam dignos de uma antologia de humor demasiado negro.

+ + +

O documento que segue foi escrito em outubro de 1971 tendo em vista estimular as discussões internas no 1º de Maio e na Fração, com vistas à unificação

dos trotsquistas brasileiros. Tornamo-lo público tal como estava. Isto não só porque já se constitui num documento histórico, como também porque guarda tôda sua atualidade. Foge de nós a ilusão de acreditar haver esgotado tôda a discussão. Temos plena consciência de haver apenas começado. Empenharnos-emos em aprofundá-la nos próximos números.

Mas o propósito dos militantes que editam OUTUBRO não é o de debater com todos e qualquer um, independentemente do que pensem ou façam. Seus militantes não acreditam possuir um tempo indefinido pela frente.

Por isso, OUTUBRO se dirige àqueles que aceitam a hegemonia do proletariado na luta de classes, assim como o caráter socialista da revolução. A êstes, venham de onde venham, de organizações stalinistas, centristas (maoistas, castristas, posadistas, etc.) ou reformistas, ou que tenham conhecido de perto tôda a falência destas organizações, as páginas de OUTUBRO estão abertas.

Engajamos com o 1º de Maio e a FBT a tarefa da unificação dos trotsquistas brasileiros sob a bandeira do Programa de Transição e da IV Internacional. Esta unificação será um passo importante na construção do Partido Revolucionário no Brasil.

VIVA A REVOLUÇÃO SOCIALISTA INTERNACIONAL!

PELA CONSTRUÇÃO DE UM PARTIDO

OPERÁRIO REVOLUCIONÁRIO NO BRASIL

I. A época em que vivemos

Os acontecimentos bolivia nos de agosto de 1971 colocaram ma is uma vez de maneira candente o dilema que atravessam não apenas as massas trabalhadoras desta re gião andina, não somente o prole tariado latino-americano; mas tô da a classe operária mundial em sua unidade diversificada: socia lismo ou barbárie.

A guerra imperialista de 1914-1918 e a vitoriosa Revolução de Outubro constituíram-se na pr imeira grande expressão da nova era em que havia entrado a humanidade, "era de guerras, revoluções e fas cismo", era da decadência de um sistema social definitivamente e xaurido, em seu estágio supremo: o imperialismo.

Para a burguesia não existe impasse econômico que não consiga ultrapassar por intermédio de re gimes fascistas, ditaduras milita res ou guerras, isto é, um aniqui lamento cada vez maior de fôrças produtivas, e sobretudo da princi pal delas, a classe operária. Para acabar com o capital é necessário ao proletariado, tendo forjado sua direção revolucionária, arrancar pela destruição da propriedade e do Estado burgueses o poder que a burguesia preserva.

A partir do momento em que as fôrças produtivas passaram a entrar em contínua e sempre maior contradição com as relações de pro dução capitalistas, em que seu cres cimento passou a ser freiado pelos

entraves concretizados nos limi tes da propriedade privada cap italista e nas barreiras nacionais dos estados burgueses, a crise da humanidade passou a materializar-se na crise das direções revolu cionárias do proletariado.

Da gigantesca vaga revolu cionária que varreu a Europa a pós o primeiro conflito mundial apenas resultou vitoriosa a Revo lução Russa. Somente na Rússia a classe operária acedeu ao poder. Em todos os outros países as di reções social-democratas aliadas às suas respectivas burguesias as sumiram com preponderância o pa pel de mantenedores da ordem ca pitalista.

O rompimento da cadeia im perialista em seu elo mais fraco conduziu ao poder o proletariado de um país profundamente atrasa do que, em seguida, viu-se trâgi camente isolado.

Stalinismo

O preço que a classe ope rária da URSS - e mundial - paga ria por esse fato, aliado à mi séria reinante na jovem república soviética (sobretudo após a guer ra civil) e à passageira estabi lização capitalista, seria o apa recimento em seu próprio seio, a partir de 1923-24, de uma camada de burocratas parasitas advindos dos aparêlhos do estado, do exér cito, dos sindicatos, do partido.

Esta casta, que encontrou em Stalin seu mais perfeito representante, apoiando-se nos privilégios materiais de t \hat{o} da sorte por ela açambarcados, passou a usurpar nos Soviets, em seu pr \acute{o} prio proveito, o poder político dos trabalhadores.

Fruto de derrotas do proletariado internacional, a burocracia stalinista em formação torna-se-ia o mais poderoso fator dos novos e futuros fracassos da classe operária. Baseando-se no incomensurável prestígio da revolução bolchevique e do primeiro estado operário da história junto aos trabalhadores de todo o mundo, a burocracia do Kremlin passou a freiar o avanço revolucionário das massas a fim de conservar o "status quo" do qual nascera e que necessitava para sobreviver. Este entrave ao avanço revolucionário das massas era-lhe necessário para manter o equilíbrio social e político - sem cessar colocado em causa pelo proletariado - entre as duas principais classes de nossa sociedade, entre ela e as massas soviéticas e internacionais.

Nas mãos da burocracia moscovita a III Internacional passou, assim, de agente da revolução proletária - tal como havia sido concebida por LENIN e TROTSKY - a agente desta burocracia, a intermediária de sua política de "coexistência pacífica" e colaboração com a burguesia, ao papel de guarda-fronteiras da sociedade "socialista" que a casta parasitária dizia estar construindo isoladamente na URSS. Nascia, assim, a teoria do "socialismo em um só país".

2 $^{\circ}$ Guerra Imperialista

A III Internacional, sob a direção stalinista, passou a ser a mais eficaz organizadora das mais importantes, trágicas e decisivas derrotas da classe operária que antecederam e prepararam, durante quase duas décadas (1923 - 1939), a segunda guerra mundial imperialista.

Após este conflito armado temos, de um lado, o enfraquecimento dos imperialismos europeus e a hegemonia do norte-americano, e de outro as revoluções proletárias nos países da Europa Central e na China. Estes dois fatôres conjugados romperam o equilíbrio de fôrças existente antes da guerra mundial entre a burguesia e o proletariado internacionais, assim como entre este último e a própria burocracia e direções reformistas. Este equilíbrio foi quebrado em proveito de uma nova relação que passou a basear-se na potência econômica do imperialismo ianque e no contr \acute{o} le político exercido s \acute{o} bre o proletariado internacional pelo Kremlin e seus P.C. Estes últimos haviam saído da guerra politicamente reforçados junto à classe operária, sobretudo pela ação das massas trabalhadoras na URSS e na Europa contra o nazi-fascismo, ação que os trabalhadores de todo o mundo imputavam à burocracia do Kremlin e dos P.C.

Esta nova relação de fôrças era tanto mais precária à Santa Aliança contra-revolucionária quanto mais os acontecimentos iam favorecendo o operariado internacional que, após o conflito imperialista, retomara a inicia-

tiva política na luta de classes; ela vigorou grosso modo até o esmagamento da revolução húngara dos Conselhos em 1956 pelos tanques da burocracia stalinista, até a ascensão dos "salvadores" Gomulka e De Gaulle ao poder, em 1956 e 1958 respectivamente.

A partir destes acontecimentos na Europa a burguesia retomaria a iniciativa na luta de classes, iniciativa que se substanciaria, entre outros fatos, na série de golpes de estado militares ocorridos nos anos 60 na AL, África e Ásia, sem falar no aprofundamento da guerra no Viet-nam. A burguesia manteve esta iniciativa apesar da revolução cubana e da retirada do imperialismo francês da Argélia em 1962: é ingênuo pensar que o movimento da luta de classes possa ser mecânicamente retilíneo.

Iminência da Revolução

Apesar dos duros reveses aos quais, desde aqueles anos até 1968, a reação burguesa conduziu as massas laboriosas, estas - em sua busca de um novo equilíbrio que lhes favorecesse e que abrisse uma saída a sua crise histórica - não sofreram nenhuma derrota que permitisse à burguesia passar a um estágio superior em sua ofensiva contra-revolucionária.

O ano de 1968 abre, deste ponto de vista, um novo período na luta de classes em escala internacional. Todo o edifício que lentamente a burguesia vinha levantando com a indispensável ajuda da burocracia do Kremlin para poder-se lançar a um decisivo combate contra o proletariado, vem

por água abaixo, carregado pelo próprio movimento revolucionário das massas trabalhadoras. Dois fatos de importância e consequência mundiais marcam esta data: a greve geral francesa de dez milhões de trabalhadores (com sua reação direta, embora diferida de nove meses, na queda do bonapartismo gaullista) e o reascenso do processo de revolução política nos países em que o capital foi expropriado, isto é, após Berlim-Est 1953 e Hungria-Polônia 1956, a "Primavera de Praga" na Tchecoslováquia.

O Proletariado tem a Iniciativa

Revolução social a Oeste, revolução política a Leste marcam o momento a partir do qual, em escala internacional, o proletariado retoma uma vez mais a iniciativa política na luta de classes. Ao mesmo tempo demonstram quão artificiais são as fronteiras impostas pela força das armas entre as facções ocidental e oriental do proletariado europeu, divisão que encontra sua expressão reacionária mais acabada no caso do proletariado alemão. Estes dois acontecimentos refletem a profunda unidade entre as duas facções da classe operária europeia, parcela capital do proletariado mundial e da qual depende, em última instância, a preservação ou não da ordem capitalista internacional.

Em nossos dias essa iniciativa do proletariado significa que ele busca em todo o mundo uma solução definitiva aos problemas que, há mais de meio século, a história lhe coloca de maneira can

dente, isto é, seu poder de classe. E esta iniciativa que, aliada às crises do imperialismo e da burocracia do Kremlin (crises estas que se conjugam mutuamente e se aprofundam sempre mais), faz do novo período histórico - segmento da era imperialista - o período da IMINÊNCIA DA REVOLUÇÃO PROLETÁRIA e, portanto, da CONTRA-REVOLUÇÃO BURGUESA.

Socialismo ou Barbárie

Nêste período em que vivemos não se pode "aspirar a nenhuma estabilização das relações entre as classes fundamentais sem um enfrentamento que conduza a uma decisiva vitória de uma ou de outra das fôrças em presença".

É apenas dentro destes limites que é possível compreender e apreender todos os acontecimentos que vêm-se precipitando e se acumulando nos últimos anos, acontecimentos que encontram sua máxima expressão de um lado na construção pelas massas trabalhadoras de seus órgãos de poder, os Soviets do outubro russo e, de outro lado, nos massacres destas mesmas massas pela reação mundial.

Em setembro de 1970, na cidade de Irbid na Jordânia, as massas levantaram, em sua luta contra o carrasco Hussein, e antes que este - baseado no criminoso "plano Rogers" - as massacrasse num banho de sangue, aquilo que na época foi classificado como o Soviet palestino.

Três meses depois, nas cidades bálticas da Polônia, a classe operária desse país, fazendo eco a seus irmãos do Oriente Médio e da Espanha (então em greve

nas minas de carvão asturianas), incendiava os prédios da burocracia satélite e construía seus Soviets desembaraçados desta burocracia. Lançou assim por terra a Gomulka, o homem que, 14 anos antes, assumira o poder para garantir no país a ordem burocrática.

A milhares de quilômetros de distância, na Bolívia, o glorioso proletariado deste país, em particular os mineiros, levantando atrás de si e dirigindo parcelas cada vez mais numerosas da população, respondendo por sua vez aos trabalhadores palestinos e poloneses, ia a passos certos, a partir de outubro de 1970, caminhando em direção a seu poder de classe enquanto ia construindo aquilo foi, como a própria imprensa da época o reconheceu, o "primeiro Soviet da América Latina", a Assembléia Popular, na qual o POR trotsquista aparecia como a incontestável liderança política. Esse processo foi momentaneamente estancado pelo golpe militar de extrema direita de agosto último: a barbárie no caso veio representada por Banzer, Selich e Cia., colocados no poder com a indispensável ajuda da CIA, Pentágono e suas agências de Brasília e Buenos Aires.

De um lado, o proletariado norte-americano, frente à crescente crise do imperialismo hegemônico, inicia, mesmo se ainda inconscientemente, a levantar-se contra a burguesia ianque nos setores em que realiza um movimento de greves apesar das proibições da legislação reacionária; o proletariado europeu busca, por intermédio de greves setoriais ou categoriais, sua centralização a

despeito dos esforços em contrário de suas direções pró-burguesas; a classe operária e a juventude latino-americana, da Argentina ao México, lançam-se contra as ditaduras militares, os governos "democráticos" e seus agentes no movimento operário, estudantil, etc.; a heróica luta dos povos vietnamita, palestino e bengali prossegue apesar dos rudes golpes sofridos.

Do outro lado, o imperialismo coloca toda a ciência e a técnica a serviço da destruição da humanidade. No campo econômico a única saída que se lhe apresenta é o aumento da exploração das massas a níveis insuportáveis. A poluição; a desfolhagem química do Vietnã; o massacre de um milhão de bengalis em alguns dias; as legiões de desempregados

na Europa; as ditaduras militares. Isto é tudo que pode oferecer um sistema que há muito já deveria ter desaparecido da cena da história.

Tal a realidade que nos cerca.

Socialismo ou barbárie, eis em nossos dias, mais do que nunca na história, o dilema da humanidade.

"A crise da humanidade se resume na crise da direção revolucionária do proletariado" diz o PROGRAMA DE TRANSIÇÃO. A única arma capaz de livrar a humanidade da barbárie que o imperialismo e as direções traidoras da classe operária lhe preparam é a Internacional proletária e suas seções em cada país, é a IV INTERNACIONAL.

II. Brasil: crise do sistema

É pois dentro dos limites e perspectivas acima traçados que deve ser encarada a política da ditadura militar burguesa, a luta de classes no Brasil, os próximos enfrentamentos entre o proletariado e os outros setores explorados contra a burguesia e todos os exploradores.

A burguesia brasileira, tendo nascido demasiado tarde sob o impulso imperialista, mantendo com o latifúndio estreitos laços de dependência e dando desde sempre mostras de um profundo parasitismo, já nasceu falida.

"Os problemas centrais dos países coloniais e semi-coloniais são: a REVOLUÇÃO AGRÁRIA, isto é, a liquidação da herança feudal e

a INDEPENDENCIA NACIONAL, isto é, a derrubada do jugo imperialista. Estas duas tarefas estão estretamente unidas". (PROGRAMA DE TRANSIÇÃO).

A burguesia "nacional" brasileira, sempre que tentou dar uma resposta a estes problemas centrais, teve que se apoiar nas massas trabalhadoras, no proletariado em particular. Como a cada vez estas massas iam, em seu movimento próprio, muito além dos limites impostos pelo capital, a saber, os limites da propriedade privada, a burguesia sempre recuou, quedando-se com o imperialismo e o latifúndio que, se a prejudicavam, mantinham, entretanto, intacta sua propriedade, sua existência enfim.

Foi durante o período que medeia o fim da ditadura Vargas e o início da ditadura Castelo que o capital "nacional" intentou o mais consequente e seriamente que pôde cortar suas amarras com o capital estrangeiro e com o latifúndio. O máximo a que chegou, no governo de Goulart, não passou de medidas fracamente reformistas, muitas das quais, aliás, apenas no papel.

É a partir de janeiro de 1963, quando do retorno ao presidencialismo, e particularmente a partir de outubro do mesmo ano, quando maior se tornou a pressão das massas trabalhadoras (pressão que a "radical" reunião das "esquerdas" da primeira quinzena da quêle mês exprimiu muito bem), que as reformas de base chegaram a seu auge.

No dia 24 de dezembro de 1963, Goulart assinou decreto estabelecendo o monopólio da importação do petróleo e seus derivados; no dia 17 de janeiro do ano seguinte assinou a regulamentação da lei de remessa de lucros; no dia 25 do mesmo mês presidiu à assinatura do convênio entre a SUPRA e os ministérios militares, através do qual seria feito o levantamento geográfico das áreas rurais às margens das rodovias a serem desapropriadas pela SUPRA; poucos dias antes, Goulart assinara um decreto que tabelava os preços dos aluguéis e imóveis em todo o território nacional; em março, poucos dias antes do golpe, enviou ao Congresso mensagem propondo a reforma da constituição nos seguintes itens: supressão do termo "mediante indenização em dinheiro", contido no art. 141,

§ 16, que deveria possibilitar a desapropriação de parcela da propriedade rural, e a revogação do dispositivo contido no art. 138 da mesma constituição, que proibia aos analfabetos e praças de pré de votarem e serem votados.

Apesar da timidez de tais medidas, o movimento revolucionário das massas trabalhadoras que as havia engendrado foi mais que suficiente para suscitar o bloco das outras facções das classes dominantes sob o impulso e orientação imperialistas.

O Mito da Burguesia Nacional

Mais uma vez ficou comprovado o já fartamente sabido: a burguesia dita progressista, sem identificar-se completa e totalmente ao imperialismo, mantém-se, entretanto, ao lado deste quando se trata de salvar-se como classe contra o proletariado, apesar de que, durante certo período, apoie-se nele eventualmente.

A burguesia intermediária brasileira, sem poder, portanto, dar resposta aos problemas vitais aos quais se viu e se vê confrontada, às reivindicações de milhares e milhões de homens das cidades e campos do Brasil, tem sido, ao largo de sua história, o agente de um "desenvolvimento" que tem conseguido tão somente, e cada dia menos, amenizar distorções e, fundamentalmente, adiar por intermédio de crises menores novas e mais sérias crises.

Nas duas últimas décadas, a indústria brasileira tornou-se definitivamente o motor da economia. Nada de fundamental resolveu-se, porém. Tendo-se desenvolvido

pelo método de "substituição de importações", a indústria de bens de consumo ligeiros (em boa parte nas mãos de capitais brasileiros), voltada para o consumo das grandes massas, viu rapidamente esgotadas suas possibilidades de crescimento pela barreira imposta por um mercado interno extremamente exíguo. Com rapidez ainda maior vêm-se esgotando as possibilidades de crescimento das indústrias de bens de consumo duráveis e intermediários (majoritariamente monopolistas e nas mãos do imperialismo).

O impasse decorrente da não resolução dos problemas centrais a que a sociedade se vê confrontada, não apenas permaneceu após o golpe de 1º de abril, como aguçou-se. Aguçou-se pelo fato de que a partir de 1964 as classes dominantes, deixando de lado quaisquer veleidades reformistas, envredaram decididamente pelo caminho da mais estreita colaboração com o grande capital externo.

O "Milagre" Econômico

As massas trabalhadoras em geral e o proletariado em particular deveriam pagar ainda mais pesadamente esta nova orientação. Em nossos dias, atrás da fachada do "milagre" econômico que os militares e tecnocratas brasileiros apregoam aos quatro ventos, crescem as bases para uma das mais sérias crises econômica, social e política que nossas classes dominantes e nossa sociedade conheceram ao longo de sua história.

O "boom" econômico que os economistas e monetaristas tanto gostam de expressar em cifras e

operações matemáticas - puras abstrações sem quase nenhuma relação com o cotidiano das massas trabalhadoras - significa simplesmente uma desenfreada transferência de renda da esmagadora maioria da população aos bolsos do imperialismo, da oligarco-burguesia e setores restritos das classes médias. Fato, aliás, já suficientemente apontado por círculos das próprias esferas dirigentes (deputados da "oposição", clero, etc).

O tão decantado crescimento do PNB e PIB nada diz a respeito de como está sendo arrancada esta produção, a que pressões e arbitrariedades estão sendo submetidos os trabalhadores; o crescimento da renda "per capita" significa nada mais que a concentração das riquezas nas mãos do pelotão de privilegiados sociais, cujo número, aliás, diminui ao passo que aumenta o exército dos miseráveis; a diminuição da taxa inflacionária pelo método graciosamente qualificado de "tratamento gradualista" traduz unicamente um frio e sistemático bloqueio dos salários de fome das grandes massas. E assim outras tantas medidas que a ditadura militar apresenta como provas da "prosperidade brasileira".

O governo atual, seguindo fielmente a linha de seus antecessores, não desejando, como eles, abrir a mínima perspectiva de vida decente a milhões e milhões de homens das cidades, vilarejos e campos brasileiros, mantém-se firme na política inaugurada em 1964 e aperfeiçoada a partir da proclamação do Ato I-5 em dezembro de 1968.

Impossibilitada de obter a

mais-valia almejada dentro de um mercado internacional estreito já não apenas para a indústria de luxo e suntuosa, mas desde há muito para aquela que serve ao consumo das grandes massas; impossibilitada de fazer girar a economia e obter seus lucros em tórno de uma economia armamentista, tal como fazem suas homólogas nos países desenvolvidos, no intuito de evitar o colapso geral, a miserável burguesia brasileira busca desesperada e contraditoriamente um lugar ao sol no "concerto das nações".

A insistente prioridade dada à exportação de manufaturados assim como à sua diversificação, é a expressão desta tentativa burguesa. Fato que agora, e mais uma vez, patenteia-se no novíssimo "Plano Nacional de Desenvolvimento". Em sua "estratégia exportadora", exposta no dito PND, "o governo pretende aumentar (grifo de OUTUBRO) a participação da empresa estrangeira no esforço nacional (sic!;grifos de OUTUBRO) de conquista de novos mercados". (Correio da Manhã, 16/9/71).

A "Racionalização" da Economia

Para escapar a suas contradições e para tornar-se competitiva - visando manter a elevada taxa de lucro para os monopólios e substanciosas migalhas para si mesma -, a ditadura militar burguesa põe em prática uma série de medidas, tais como a "modernização" e "racionalização" da economia. Trata-se de obter mais por menos custo.

Esta "modernização" vai desde a indústria até a educação, pas-

sando pela agricultura.

Na Indústria

Na indústria isto significa uma maior monopolização em benefício do grande capital externo; significa o estreitamento dos laços entre este e o capital "nacional"; significa a decadência de setores industriais ditos arcaicos; significa, e sobretudo, o desenvolvimento da especialização e da mecanização.

E, talvez, no exemplo nortestino que esta política expressasse da maneira mais crua: a malfadada "industrialização" levada a cabo na região, à base de incentivos fiscais, nada resolve, pois por seu alto nível tecnológico emprega uma porcentagem mínima de mão-de-obra. Entretanto, de acordo com as próprias autoridades - o presidente do BDN por exemplo - o objetivo de tal política "industrializante" não é absolutamente o de resolver os problemas das legiões de desempregados crônicos da região. Não, este problema só será resolvido, de acordo com o mesmo personagem, se se for às suas origens, isto é, a natalidade... O que a industrialização não soluciona, a pílula talvez o faça...

Na Agricultura

Na agricultura os problemas são semelhantes. Neste terreno, porém, o capitalismo choca-se com seu irmão de sangue, o latifúndio. Não podendo expropriar os latifundiários e capitalizar toda a economia agrária - apesar de certas medidas de segunda ordem tomadas no que diz respeito à di-

visão dos lucros e ao contrôlo dos preços agrícolas - a burguesia busca o aumento de suas rendas no ba rateamento da produção, barateamen to êste que realiza mediante a in tensificação da mecanização e da super-exploração da mão-de-obra . O êxodo rural e o desemprego são as primeiras consequências.

Na Educação

A "reforma educativa" é sim ples resultado do todo, particularmente da política industrial. Num país em que a maioria da população é analfabeta (com ou sem MOBRAL), a burguesia cabocla em decomposi ção não tem, como tôdas as outras, nenhuma necessidade de um número aliás cada vez mais restrito de técnicos e "quadros" para o bom funcionamento de seu aparêlho eco nômico e estatal. A crescente se leção (vestibulares) feita aos es tudantes que querem entrar na uni versidade, a destruição -mesmo ma terial- das escolas e faculdades (fechamento, eliminação de cursos, etc.), o ensino pago substituindo o gratuito, a criação de escolas e cursos com o fito de formar mão-de-obra polivalente (isto é, des qualificação, pau para tôda obra a baixos custos), o nível sempre mais

mediocre de cursos e matérias que não lhe interessam constituem pro vas, entre outras, de sua política "educacional".

O Sentido do "Milagre"

O "milagre brasileiro" que tanto agrada aos monopólios estrangeiros (cf. exposição industrial francesa de fins de setembro último) encon tra, portanto, suas raízes na super-exploração dos trabalhadores, no arrôcho salarial. De acôrdo com os cálculos (otimistas, diga-se de passagem) do escritor Tristão de Athayde (Jornal do Brasil, 28/5/71) o salário mínimo atual perdeu, em relação àquele em vigor em 1959, 63,4% de seu poder de compra. Para que encontrasse o poder de compra em vigor naquele ano seria neces sário reajustá-lo em 173%. Ora, a ditadura militar contentou-se em seu último reajustamento com um miserável aumento de 20%... A re vista oficiosa "Veja" forneceu em sua edição de 29/4/70 um panorama onde mostrou a diferença entre o custo de vida e os salários em 15 anos (1956-1971). Tomando uma di ferença de zero em 1956, vemos que esta passa a ser, em 1971, de Cr\$.. 665,40. (Cr\$ 1037,00 para o custo de vida e Cr\$ 371,60 para os salários).
(1)

(1) Nota da Redação: A política salarial da ditadura acima descrita revela se de maneira ainda mais brutal no quadro abaixo, publicado pelo DIEESE (Dep. Intersindical de Estudos Estatísticos e Socio-econômicos), abril 1971:

Categoria	Data-base	Custo de vida°	Salário° nominal	Salário° real
Têxteis	novembro	625	465	74
Metalúrgicos	novembro	625	461	73
Químicos	novembro	625	432	69
Bancários	setembro	672	459	68
Portuários	janeiro	1165	607	52

°) índice 100= 1964

As indispensáveis condições para esse estado de coisas são: desemprêgo e subemprêgo aos milhões; suspensão do FGTS que permite ao capital explorar como bem entende a fôrça de trabalho para em seguida despedí-la sem quaisquer problemas; lei anti-greve; atestado ideológico para todo trabalhador pretendendo concorrer a eleições sindicais; pelegada; tortura; inexistência de organizações sindicais independentes do Estado; inexistência de organizações políticas dos trabalhadores; decreto 477 nas faculdades; censura na imprensa, no cinema, teatro, etc; abolição do habeas-corpus; Ato I-5; lei de segurança nacional; etc, etc.

Em suma: a inexistência de quaisquer direitos ou liberdades democráticas (expressão, reunião, imprensa, organização, etc) à classe operária, às massas camponêsas, à juventude em geral e estudantil em particular.

Além dessas medidas postas em prática a ferro e a sangue, a ditadura burguesa necessita alimentar e desenvolver o mais medíocre patriotismo a fim de dar credibilidade ao que faz e ganhar a si, sobretudo, a pequena burguesia. Resuscitando descaradamente os jargões postos em prática nos piores anos da ditadura Vargas, os generais brasileiros de hoje pregam a sons de trombeta a "solidariedade" entre as classes.

Patriotadas

E esta "solidariedade" que emoldura o P.I.S., plano que, sob o pretexto de criar um fundo de garantia aos trabalhadores (fato já desmistificado por deputados da

própria "oposição"), visa não a penas criar um fundo para cobrir os déficits das emprêsas, mas, sobretudo, integrar ainda mais os sindicatos dos trabalhadores e suas direções à defesa do capital. Tudo isso com o fim de, alimentando tôda sorte de ilusões na classe operária, paraliza-la e melhor enquadrá-la.

É a mesma "solidariedade" que serve de pano de fundo ao P.I.N., plano que, em seu afã de entregar para não integrar, usa e abusa da mais rasteira propaganda patriotarda e demagógica. Esta "colonização", que planta hoje os frutos que o imperialismo pretende colher amanhã, já está, entretanto, institucionalizando a miséria pelo hábil artifício de transferi-la de uma região do país a outra.

É ainda esta "solidariedade" que serve de argumento a outros projetos da ditadura militar, tais como o "Projeto Rondon", por intermédio do qual o exército visa ganhar às perspectivas da burguesia a juventude estudantil brasileira.

Paralelamente a tudo isto intensifica-se a penetração imperialista no país. O próprio ministro da fazenda, Delfim Neto, declarou (dezembro/70): "o ritmo dos investimentos estrangeiros é atualmente superior aos mais altos níveis atingidos na história do Brasil".

Os Limites do "Milagre"

Entretanto, mesmo dentro dêsses limites otimistas para o imperialismo, êste sabe onde pisa. O jornal francês "Le Figaro",

importante porta-voz da burguesia francesa, em sua edição do dia 30/9/71, refletindo o que pensa o patronato francês, escrevia: "... se o Brasil está finalmente a ponto de ultrapassar o famoso limite do crescimento econômico, ele continua, entretanto, sendo vítima de uma inflação galopante que os especialistas consideram 'uma constante histórica'. A isto é necessário acrescentar o problema da moeda. Para manter a taxa de suas exportações, o governo vê-se obrigado a desvalorizar frequentemente sua moeda, enquanto negligencia pagar seus fornecedores e drena o que pode encontrar de disponível no mercado de capitais oferecendo títulos a renda fixa cujas taxas são muito atraentes..." E o quotidiano concluía em direção ao capital de seu país: "é necessário instalar-se no Brasil enquanto é tempo, pois a atual situação não pode durar para sempre..."

A Crise Econômica Internacional...

É a própria crise internacional do capitalismo que conduz, por sua parte, a que a situação favorável à burguesia brasileira não possa permanecer como está por muito tempo. A ditadura militar, pela boca dos generais e seus ministros, difunde, a trôco de propaganda, um otimismo que, além de partir da confiança nas armas, parte de um pressuposto absurdo: o de que o capitalismo nesta parte do globo está imune ao que possa acontecer no resto do sistema e, antes de mais nada, em seus pilares mais poderosos: os USA e a Europa Ocidental.

Embora afete em suas decla

rações oficiais uma confiança que às vezes beira a mais completa idiotia ("Não temos nada a perder com as medidas protecionistas de Nixon... o que perderemos nos USA GANHAREMOS na Europa", etc) em meio à angústia que vai tomando conta de todos os governos dos países do "terceiro mundo", a ditadura militar burguesa sabe, na realidade, melhor do que ninguém, que na exacerbação da crise imperialista (guerra comercial que as medidas de Nixon do dia 15 de agosto último aguçaram profundamente) está o início de sua ruína.

O sistema capitalista tal como funciona no Brasil é simples parcela integrada do sistema capitalista internacional. Dêste depende estreitamente e pelos mais diversos canais. Uma dislocação do mercado capitalista internacional, um abalo ou crise mais grave no sistema monetário internacional, em suas estruturas estremitadas (nos dias que correm uma possibilidade real), porá um fim a êsse "milagre" que a burguesia brasileira vem levantando com a ajuda das F.A., de suas polícias e esquadrões da morte, com ajuda de seu aparelho pelêgo.

As medidas protecionistas do imperialismo norte-americano (taxação em 10% às importações de manufaturas e supressão da convertibilidade do dólar em ouro), verdadeira declaração de guerra aos outros imperialismos que procuram desafogar suas mercadorias em outros mercados que não o americano, agravam profundamente as tensões inter-imperialistas e a brem aos países coloniais e semi coloniais uma sombria perspectiva. A obrigação em que se encon

tram as burguesias da Europa e do Japão em abrir ainda mais suas fronteiras às mercadorias e aos capitais norte-americanos, a aumentar suas despesas militares a fim de permitir aos USA reduzir as suas, a revalorizar suas moedas para evitar a desvalorização do dólar, todos esses fatos e tantos outros não passam, é claro, de um prenúncio do que está por vir em futuro próximo. (2) Cortam, porém, desde já, quaisquer veleidades "desenvolvimentistas" e expansionistas ao capital "nacional" no Brasil e à burguesia cabocla.

...repercute no Brasil

Tôda a política econômico-social da ditadura militar conduz, mais dia menos dia, à agravação dos problemas estruturais. A brutal opressão econômica e a repressão militar-policial, necessária para que tal política seja aplicada, têm seus limites. Começam já a surgir divergências com contornos cada vez mais nítidos no seio das classes dominantes com respeito à orientação a seguir. Setores do próprio governo começam a preconizar um caminho e métodos que, por concessões prévias, economizem abalos sociais de proporções imprevisíveis.

Essas divergências, expressas por elementos do Congresso - sobretudo deputados do MDB - nas discussões sobre nacionalismo ou novo nacionalismo e nas acusações da prática de torturas, embora pro-

venham de instituições fantoches, demonstram, mesmo se de maneira deformada e indireta, que a crise da sociedade recomeça a querer exprimir-se pelos "cumes" para em seguida alastrar-se pelas "bases".

As brechas que mais cedo ou mais tarde abrir-se-ão nos vértices do bloco aparentemente monolítico das classes dominantes, serão concomitantes com a fase na qual as massas lançar-se-ão à luta com toda a energia que só anos e anos de opressão econômica e repressão militar-policial podem fornecer. As facções burguesas divergentes que iniciam a se estruturar estão hoje ainda menos capacitadas do que em 1967-68 a apresentar às massas trabalhadoras uma qualquer alternativa ou perspectiva ao regime militar - e com maior razão ao sistema social.

A única saída

As classes dominantes brasileiras estão, desde há muito, fracassadas. Os governos militares que o país tem conhecido após 1964 têm sido simplesmente a continuação, muito embora por outros meios e formas, das ditaduras de classe, civis e "democráticas", posteriores a Vargas. Fato que, para a classe operária e sua vanguarda, não é, porém, como pensam e dizem os esquerdistas de toda sorte, indiferente, absolutamente: uma coisa é lutar nas difíceis condições da mais completa clandestinidade, sem a mínima possi-

(2) Nota da Redação: O "futuro" de que fala o documento em outubro 1971, pode ser mais facilmente previsto depois da declaração categórica do ministro da economia e finanças francês, V. Giscard-D'Estaing, aos industriais norte-americanos reunidos no Palácio de Versailles em março 1972: "A era de revalorização e flutuação das moedas européias terminou!"

bilidade de se organizar abertamente; outra, e muito diversa em seus resultados práticos e políticos, é lutar nas condições de uma legalidade imposta pelos trabalhadores, pelo proletariado. A política do "quanto pior melhor" nada tem a ver com o marxismo!

No Brasil o que está na ordem do dia como única saída à crise do regime e do sistema é o governo dos trabalhadores, o governo operário-camponês que abrirá caminho à ditadura do proletariado, ao socialismo. Esta é a única resposta à crise histórica do capital e das classes dominantes brasileiras. Apenas o governo operário-camponês, baseando-se nos Conselhos (soviets) de operários, camponeses e soldados, poderá dar uma resposta adequada aos problemas centrais aos quais faz face a sociedade brasileira: a questão agrária (o problema da ampliação do mercado interno), a independên

cia econômica e política frente ao imperialismo internacional, a passagem à resolução das tarefas socialistas em consonância com os trabalhadores de outros países do continente e do globo.

A alternativa para o Brasil é: ou o governo operário-camponês ou a manutenção de ditaduras militares cada vez mais militarizadas, entremeadas de choques sangrentos e de curtos períodos nos quais governos "democráticos", sob várias formas (militares antes de tudo: o fenômeno do nacionalismo militar) é uma constante no continente), ocuparão o poder à espera de novas ditaduras fascisantes.

O dilema é claro: partido revolucionário do proletariado ou barbárie militarista.

A crise da sociedade brasileira é a crise da direção revolucionária do proletariado. sem tal direção, impossível construir-se um governo dos trabalhadores, para os trabalhadores.

III. Brasil: crise da direção revolucionária do proletariado

Sobretudo durante os vinte anos que antecederam o golpe de estado de 1º de abril de 1964, o proletariado e as massas trabalhadoras em geral, das cidades e dos campos, arrancaram às classes dominantes, por uma luta sem tréguas, importantes vantagens materiais e organizativas que a reação a cada momento colocava em causa e, assim, tinham sempre que ser reconquistadas e vigiadas. Esta luta estava conduzindo as massas, sobretudo nos últimos anos anteriores ao golpe (governos de Jânio e Jango), a um estágio superior em sua ofensiva

revolucionária, estágio que deveria abrir caminho, de maneira concreta, ao governo dos trabalhadores.

O Desmantelamento das Organizações de Massa

Com a instalação dos militares no poder foram pisoteados e rejeitados anos e anos de lutas, sangue e conquistas, a fim de servir aos apetites do capital estrangeiro e seus aliados internos, a fim de impor pela força generalizada, se necessário, um equilíbrio a eles favorável.

O primeiro objetivo da di

tadura, mesmo antes que Castelo Branco se instalasse na cadeira de presidente, foi o de desbaratar as organizações da classe operária, dos camponeses e dos estudantes: a CGT, os sindicatos operários e camponeses, a UNE e as organizações políticas operárias foram dissolvidas e suas direções prêsas, perseguidas, etc. Conjurado o perigo da "república sindicalista" - cavalo de batalha da propaganda dos generais golpistas-, tendo as direções sindicais e operárias mais combativas sido substituídas por interventores policiais ou ido para a cadeia, o novo regime e seu governo militar passaram então às outras tarefas da contra-revolução.

De quem é a culpa?

A classe operária e as massas trabalhadoras, carregadas por suas direções atrás dos Jango, Brizola, Julião, Arraes, e Cia., isto é, atrás de todos e de tudo, menos de seus próprios interesses, foram surpreendidas num momento histórico em que nunca tanto lhes tinha sido possível. Foram derrotadas sem livrar um só combate, tal a desorganização, desorientação e estupor em que se encontraram de um momento para o outro.

A paralisia das massas laboriosas, que permitiu aos militares apoderarem-se das rédeas do Estado com um simples passeio de seus tanques e da soldadesca, não incumbe, como cínica e descaradamente querem-nos fazer crer muitos, a Jango e seus iguais. Esses desempenharam galhardamente e até o último momento o papel que lhes cabia. No momento oportuno, tal como era previsível, fugiram, deixan

do o campo de batalha que na realidade nunca haviam efetivamente ocupado. As massas, entretanto, e como também era previsível, permaneceram, como sempre permanecem; desta vez sob as botas do gorila Castelo Branco.

Os criminosos responsáveis pelo desconcerto das massas trabalhadoras foram suas direções oportunistas e traidoras. Elas somente! Foi pelo fato dessas direções terem lançado os trabalhadores a reboque da burguesia "nacional" e "progressista" que êsses confiaram nesta burguesia e em seu suposto "esquema militar", isto é, nas chamadas F.A.ditas constitucionalistas. E as massas confiaram nos agentes esquerdizantes do imperialismo porque confiavam em suas direções que apoiavam quase sem restrições tais agentes. No caso do Brasil de 1964, o apoio era e foi até o fim aberto e sem peias, pois "já estamos no poder" vangloriava-se lá pelos idos de março daquele ano o homem mais representativo dessa política, L.C. Prestes.

Não poderia ser de outra maneira no que diz respeito à confiança que os trabalhadores depositavam em suas direções. Estes não aprendem nos livros o caminho a seguir mas, contrariamente, na prática diária. Somente os "revolucionários da frase", como dizia LÊNIN, afirmam que a culpa cabe à própria classe operária que teria-se aburguesado ou aos camponeses que, sedentos de terra, acatavam, no nordeste por exemplo, as palavras-de-ordem reacionárias que Arraes, através de seus embaixadores estalinistas do PCB, lançara: "Não ocupem as terras por enquanto, espe

rem até..." o golpe... Mas, decididamente, o que dizem ou deixam de dizer os "revolucionários da frase" não é de valia alguma. Serve apenas à confusão e à reação.

De qualquer maneira, sem sombra de dúvida possível, o crime incumbe em primeiríssimo lugar à direção do PCB. O Partido Comunista Brasileiro era a única organização operária com possibilidades de arrastar atrás de si milhares e milhares de trabalhadores e mudar o curso dos acontecimentos, se se tivesse preparado para êles como poderia perfeitamente tê-lo feito.

O P.C.B.

Durante mais de 40 anos, até o golpe de 1964, o PCB cresceu e se implantou no seio do proletariado brasileiro e de importantes camadas da pequena burguesia (embora este crescimento e esta implantação não tenham-se dado de forma linear e ascendente). E, isto graças ao amparo material e político fornecido pela burocracia do Kremlin e ao prestígio do partido bolchevique de Lenin, da revolução de outubro vitoriosa e do primeiro estado operário da história, o qual o PCB representa aos olhos dos trabalhadores.

Mesmo em nossos dias, apesar da aguda crise pela qual vem passando após o golpe de 1º de abril, e particularmente após 1967-68 com as diversas cisões, o PCB é, queiramos ou não, a principal organização operária no Brasil. E mais: enquanto os grupos armados vão num crescendo de fracassos, a organização stalinista, senão encontra um novo sôpro, um nítido e novo crescimento, ao menos mantém

o fundamental de seus efetivos e implantações. Não se pode esconder que este fenômeno deve-se não apenas à pelejada sindical corrompida, não apenas à repressão policial, mas também, e muito, aos próprios grupos terroristas que, insensíveis ao dia a dia das massas e preocupados com uma "propaganda e luta armadas" em abstrato, em geral - panacéia para tôdas as ocasiões -, deixam o campo livre aos stalinistas, sobretudo lá onde estes já possuíam bases e contatos.

O PCB entrou de maneira segura na órbita da Internacional Comunista quando esta e o partido bolchevique de LENIN passavam para as mãos da burocracia stalinista. Sofreu, assim, como já ficou dito, a mesma sorte de todos os PCs sob a orientação da casta de parasitas sociais que se afirmava na direção do jovem estado soviético. O PCB, fundado em março de 1922, já se encontrava no momento de seu segundo congresso (maio de 1925), sob importante influência do setor stalinista da I.C. com o qual já mais romperia e ao qual nunca se oporia.

As oscilações do Stalinismo

A terceira e mais trágica das derrotas sofridas no curso de aproximadamente seis anos (1918-23) pelo mais poderoso proletariado europeu, o alemão; o fracasso da revolução búlgara em setembro de .. 1923 e da Polônia em outubro do mesmo ano, assim como da revolução da Estônia em dezembro de 1924, repercutiram na URSS desmoralizando e desencorajando as massas e fortalecendo o poder da ditadura sta

linista em formação.

Se os efeitos desta primeira orientação da I.C. não se fizeram sentir em nosso país, isto se deve unicamente a que a classe operária brasileira era então muito restrita e o PCB muito fraco. Desta data em diante, entretanto, e até nossos dias, os fatos se davam diversamente. Os acontecimentos de 1964 constituíram-se, apenas, diga-se mais uma vez, num exemplo dos mais acabados da política reacionária da direção stalinista no Brasil, porém não no único, não no primeiro e, certamente, não no último.

Após ter-se verificado completamente falso o curso ultra-esquerdista dos anos 1923-24 e 25, a burocracia, alarmadamente, operou uma súbita guinada à direita, inaugurando um período oportunista tanto interna (na política em relação aos Kulacs) quanto externamente. Neste campo elaborou, empiricamente, a política de colaboração de classes que na época encontraria na "teoria" reacionária do bloco das quatro classes (operariado, campesinato, inteligentsia e burguesia "nacional") sua mais perfeita expressão.

A aplicação desta orientação foi calamitosa em vários países, mas sobretudo na China e Inglaterra. No primeiro país causou a derrota de uma revolução proletária de importância mundial, capital. Na revolução chinesa de 1925-27 a classe operária e seu partido, o PC chinês, subordinaram-se completamente à burguesia compradora e seu partido, o Kuomintang, sob a direção de Tchang-Kai-Chek, que massacraria a vanguarda operária, eliminando-a da cena política

por anos a fio, influenciando, assim, decisivamente, no desenrolar da revolução chinesa. Na Inglaterra foi em 1926 a sabotagem da greve geral e da greve dos trabalhadores das minas de carvão: caso do Comitê Anglo-Russo.

A Stalinização do P.C.B.

No Brasil, a orientação direita dos anos 1925-28 da direção da I.C. levaria a direção do PCB a elaborar a "teoria" que criava no Brasil uma classe feudal com a qual a burguesia "nacional" cabôcla deveria ter, é claro, condições antagônicas. Fato que, não menos claramente, exigia no país uma revolução democrático-burguesa como uma primeira etapa histórica, revolução cuja direção caberia, obviamente, à chamada burguesia progressista, à qual o proletariado brasileiro e o PCB deveriam seguir esperando a sua vez, isto é, a segunda etapa histórica, quando a revolução proletária deveria vencer.

Dentro desses limites da colaboração de classes, da revolução por etapas (a respeito das quais os stalinistas brasileiros só cogitariam, a partir de então, da primeira...), o tenentismo anti-operário e anti-marxista foi caracterizado como "pequena-burguesia revolucionária" e seus dirigentes buscados como aliados no "movimento revolucionário popular em marcha" (cf. A. Pereira, "A Formação do PCB"). Foi dentro desses mesmos limites que a direção stalinista propôs a "certos políticos tidos como homens de esquerda" (idem), os Jango, Brizola e Cia. da época, a formação de um "Bloco

Operário" a fim de, unidos, apresentarem candidatos às eleições de 27/2/27. (3)

O completo fracasso da política direitista da I.C., expresso sobretudo no caso chinês, levou sua direção a dar nova guinada brusca, novamente à esquerda, passando do "bloco das quatro classes" ao dito "terceiro período" que iria de 1928 até a experiência das "Frentes Populares", que marcariam, sob novos argumentos e novas roupagens, a volta à mais estreita colaboração das direções dos PCs e da burocracia do Kremlin com as potências imperialistas "democráticas".

A orientação esquerdista da I.C. correspondente ao "terceiro período" foi prontamente assimilada pelo terceiro congresso do PCB, em dezembro de 1928 e janeiro de 1929. A partir de então, e repentinamente, "o capital industrial e o capital agrário interpenetram-se cada vez mais (cf. A. Pereira) e as contradições no seio das classes dominantes passam a ser não-antagônicas. O tenentismo perde sem maiores explicações seu caráter revolucionário e o país caminha para "uma terceira explosão revolucionária", isto é, a "terceira revolta" que, após a de 5 de julho de 1922 e a de 1924, chegou trágicamente para os militantes da organização stalinista em 1935 com a aventura da intentona.

A Hegemonia do Proletariado

A falência do PCB não significa a falência do proletariado brasileiro, da mesma maneira que a falência das direções menchevi-

que e S.-R. na Rússia de 1917 não significou, pelo contrário, a falência do proletariado russo. O fracasso do stalinismo significa apenas o início da libertação da classe operária brasileira. E isso a condição que os revolucionários marxistas no Brasil de hoje, à semelhança dos bolcheviques na Rússia tsarista, saibam construir e dar corpo e vida àquilo que mencheviques e S.R. não quiseram realizar então naquele país, àquilo que as direções operárias traíram e em primeiro lugar a do PCB não quiseram e não querem realizar no Brasil: o partido marxista revolucionário da classe operária.

O objetivo do grupo OUTUBRO é o de contribuir a esta tarefa. Os militantes que o compõem rejeitam como absurdas e reacionárias as "teorias" dos grupos armados (ou menos armados) que dizem estar a classe operária aburguesada, ter cedido seu papel histórico às camadas marginais urbanas criadas pela decomposição do regime, e caber ao campesinato levar a cabo aquilo que ela "não quer" ou "não pode".

Mesmo sabendo, com Marx, que os problemas da revolução proletária são e serão sem cessar suscitados até sua vitória final, poderia parecer desnecessário repetir aqui o a.b.c. do marxismo. Porém não o é, pois a luta pela construção do partido revolucionário do proletariado inclui, também a luta pela defesa da teoria marxista. Grupos e elementos "revolucionários", secretados sem cessar pela pequena burguesia, sobretudo em períodos de refluxo como o que ainda vive o Brasil, colocam

(3) Nota da Redação: Em um próximo número OUTUBRO publicará um estudo mais detalhado e completo sobre o processo de stalinização do P.C.B.

em causa e embaralham a cada instante os princípios marxistas, os quais conscientemente os stalinistas confundem ainda mais. Ora, "sem teoria revolucionária não há movimento revolucionário". (Lênin)

O proletariado é a única classe social revolucionária da sociedade brasileira, independentemente dos desejos em contrário e das angústias dêsse ou daquele grupo ou indivíduo. E isto pelo lugar que ocupa, pelo papel que representa na produção social. A indústria é o motor da economia, o genuíno fator de progresso. A classe operária é a única classe social que luta pela extinção da propriedade privada dos meios de produção, que luta pelo socialismo. A força do proletariado no Brasil não advém apenas da fraqueza inerente à burguesia nacional, da falência desta como classe progressista, mas, concomitantemente, do fato de ser, como realmente é, simples parcela do proletariado mundial, classe social fundamentalmente internacional que mais do que nunca busca, hoje, sua emancipação final frente ao capital.

O internacionalismo proletário é fruto do caráter de classe internacional que possui o proletariado, afirmado desde o "Manifesto do PC" de 1848. Ele é a expressão política da unidade diversificada, dialética mas nem por isso menos orgânica da classe operária mundial. Unidade que, por sua vez, não resulta da vontade de um qualquer teórico, mas do próprio mercado capitalista internacional que é fruto do desenvolvimento histórico do sistema e que, a partir de um país, abarcou um continente, e a partir dêsse, todo o planêta,

levando aos mais longínquos rincões suas leis e unificando o globo à sua maneira, anárquica e de sastrosamente, sem dúvida, mas nem por isso menos poderosamente. A divisão internacional do trabalho, o mercado mundial sob o domínio imperialista, são a prova palpável dêsse fato.

Revolução Permanente

Como a burguesia dos países atrasados, na época do capitalismo decadente, é incapaz de percorrer o caminho que as burguesias imperialistas percorreram em outras épocas, resulta que apenas a classe operária dêsses países constituiu-se na força social capaz de libertar a esmagadora maioria da população do jugo do capital financeiro internacional, para lançá-la na esteira de seu verdadeiro progresso. Para esta tarefa, o proletariado dêsses países deverá contar com a ajuda não apenas da classe operária dos países capitalistas avançados, mas também do proletariado dos países em que a burguesia foi expropriada, todos marchando, embora descoordenadamente ainda, ao socialismo.

A revolução proletária nos países coloniais e semi-coloniais, começando pela resolução das tarefas democrático-burguesas (obrigatoriamente terá que começar por elas), deverá passar sem interrupções, apoiando-se na revolução proletária e no movimento da classe operária internacionais, às tarefas socialistas. O processo histórico que a reação imperialista, aliada à reação interna, quis destruir completamente na Bolívia em agosto último, sem o conseguir,

entretanto, é exatamente este. Uma vez mais em nosso século a história veio provar a completa veracidade da teoria da revolução permanente. A revolução proletária não é, como foi a burguesa, nacional em sua essência, mas internacional. Abarca não apenas um país, mas o mundo todo. Fato que muitos "revolucionários" não podem ou não querem perceber.

Não há dúvida que não se pode escamotear, por pouco que seja, todo o imenso potencial que as massas rurais não assalariadas e empobrecidas possuem no processo revolucionário em países como o Brasil. Nêstes, diga-se uma vez mais, as tarefas da revolução burguesa não foram cumpridas, particularmente as referentes ao campo. Sem essas massas rurais, portanto, será pura e simplesmente impossível ao proletariado chegar ao poder ou, ainda mais, nêle manter-se.

O problema, porém, não é este, isto é, saber se a classe operária poderá vencer o imperialismo e a burguesia interna sem o apoio do campesinato. A história já demonstrou ser tal fato inexequível. Trata-se, isto sim, de saber se o campesinato, em países como o Brasil, pode ser a direção política da revolução socialista como tantos grupos "marxistas" o desejam. Ora, com respeito a esta absurda hipótese, a história do século XX já demonstrou inúmeras vezes sua completa inviabilidade, a começar pela própria revolução russa de 1917. A era do imperialismo, da "reação sob todos os aspectos" é, por definição, a da revolução proletária!

Os casos da revolução chinesa de 1949 e cubana de 1958, di-

versos em seu desenrolar e consequências, vieram tão somente provar, cada qual a sua maneira, aquela inviabilidade. Provaram também, uma vez mais, toda a justeza da teoria da revolução permanente, para a qual o processo da revolução proletária não se encerra em um determinado país com a tomada do poder pelo seu proletariado.

As revoluções chinesa e cubana são, da mesma maneira que a revolução russa e as ocorridas nos países da Europa central e oriental, revoluções proletárias inacabadas. Fazem parte de um mesmo e único processo ainda não terminado, processo que se desenvolve dialética e internacionalmente e que tende à vitória da classe operária em escala mundial ou à barbárie burguesa.

...socialismo em um só país?...

Foi a burocracia stalinista quem elaborou e difundiu a concepção anti-marxista de que se pode construir uma sociedade socialista em um só país. Foi ela quem criou, por motivos de auto-preservação, a falsa idéia de que o processo revolucionário na URSS, e posteriormente nas repúblicas ditas populares, já estaria acabado. Não foi Stalin quem afirmou, lá pelos idos de 1930, estar entrando a URSS na fase da construção da sociedade ...comunista? Krutchev, alguns anos mais tarde, teve que desmentir e corrigir seu antigo chefe, fazendo o país retornar, por decreto, à fase mais modesta do socialismo...O que, sem dúvida, ainda foi muito exagêro do velho burocrata.

Em países onde o estado é

uma máquina das mais sólidas e fortes, e nos quais, além do mais, longe de dar mostras de estar desparecendo ou se enfraquecendo (cf. "O ESTADO E A REVOLUÇÃO" de Lênin),êle dá única e simplesmente mostras de estar-se reforçando e se armando sempre mais no intuito de salvaguardar os interesses da casta usurpadora e reprimir a classe operária, falar na existência de uma sociedade socialista é cínicamente deturpar o marxismo e descaradamente mentir ao proletariado mundial. A coletivização dos principais meios de produção social é condição indispensável para a existência de uma sociedade socialista, mas não cria mágicamente esta sociedade: para tanto são necessários outros fatores, dos quais, sem dúvida alguma, o principal é que a classe operária se assenhere do poder político da sociedade, e isto não apenas em escala nacional, mas internacionalmente.

A revolução proletária, em mais de meio século de luta de classes, tem progredido dialéticamente, isto é, à base de avanços e recuos. Não perdeu, por isto, e muito pelo contrário, seu caráter internacional. Começou na Rússia em 1917, e nos dias que correm tem dado mostras de estar mais do que nunca viva, sobretudo nos recentes acontecimentos da Bolívia, da Polônia e da Jordânia. Também sob este ângulo o processo da revolução proletária é permanente: só se finalizará no momento em que o proletariado de todos os países, sobretudo daqueles onde nasceu o imperialismo, tomar o poder político do estado.

+ + +

O Campesinato na Revolução Proletária

Se tanto na China de Mao quanto na Cuba de Fidel as massas camponêses tiveram e têm no processo revolucionário em curso, processo que é o da revolução proletária mundial, uma importância precisa, em nenhum desses países elas se constituíram ou se constituem em sua direção política.

No caso chinês isto talvez seja mais claro. Após o massacre da revolução de 1925-27 (acontecimento que os maovistas de toda espécie, em sua mística adoração a "papai Stalin" preferem esquecer), o PC chinês refugiou-se e reconstruiu-se no campo, cavalgando as massas rurais em luta contra os invasores imperialistas. Não se tornou, entretanto, um partido camponês. Continuou sendo uma organização operária, um aparelho político-militar nominalmente sob a orientação reacionária do Kremlin, cuja política somente desobedeceu poucas semanas antes da tomada do poder. Esse rompimento, aliás, se constituiu na indispensável condição para a vitória do PC chinês sobre Tchang-Kai-Chek, mas não fez nem daquele nem da burocracia chinesa - a partir de então não mais stalinista - uma direção marxista, internacionalista.

É claro para todo mundo que somente a classe operária chinesa, como parcela constitutiva da classe operária internacional, pode, por intermédio de uma revolução de caráter político (fato que exige a construção de um partido marxista no país), expulsar a burocracia do governo e do estado instaurado pela vitória de 1949. Definimo-lo como estado operário deformado na

medida em que o poder político es capou e continua escapando das mãos do proletariado chinês em benefício de uma burocracia, de uma casta privilegiada. Para manter seus privilégios, esta casta vai até os entendimentos com o carrasco Yaya Khan e o sacrifício de milhões de bengalis (1971), após as centenas de milhares de indonésios (1965). Inúmeros outros feitos não menos reveladores da "justa política do presidente Mao", o acordo com o imperialismo yanque sobre as costas das massas indochinesas e mundiais é apenas um exemplo.

No caso cubano a direção pequeno-burguesa fidelista, de origem urbana, mantendo com as massas das cidades ligações constantes durante o curso da guerra de guerrilhas, apoiou-se largamente nas massas camponesas. As não foram absolutamente estas quem durante aquele processo - e muito menos após a tomada do poder e as medidas anti-imperialistas - ofereceu ao grupo castrista seu programa, mas sim o proletariado da ilha. É este que, a partir do apoio que possa encontrar no proletariado latino-americano e internacional, constitui a única força social capaz de, dirigindo o resto da população, livrar a sociedade cubana do impasse econômico e político cada vez mais evidente em que é lançada pela política empírica do governo de Castro.

O campesinato é por sua própria essência, uma classe social heterogênea ao extremo. Composta de camadas divergentes, umas explorando as outras, tendo interesses na expropriação do latifúndio mas também na criação e manu-

tenção da propriedade privada capitalista, ela é incapaz de organizar-se como classe independente da burguesia e forjar um partido e um programa próprios. Consequentemente, ela é incapaz de livrar até o fim a batalha contra o latifúndio e menos ainda contra o capital - que em países como o Brasil estão invariavelmente ligados - sem que a classe operária a dirija.

Aliança operário-camponesa

No Brasil a burguesia nunca ofereceu o que quer que seja ao campesinato, sobretudo às suas camadas mais pobres, a não ser uma decadência e exploração profundas. Não conseguiu, por isso, criar uma base social estável sobre a qual apoiar-se em sua luta contra o proletariado. Tem conseguido entretanto, com a ajuda de seus agentes no movimento operário e camponês (PCB, Julião, padres "progressistas", etc.), evitar a concretização dos anseios e da fome de terra mais que seculares das massas rurais não assalariadas.

Em sua tarefa de ganhar o campesinato a sua perspectiva, a classe operária encontra em sua parcela rural, o operariado agrícola, o natural e indispensável elo por intermédio do qual deverá fazer passar seu programa. O proletariado só poderá tornar-se direção do campesinato se lhe avançar seu programa que, em países como o Brasil, inclui obrigatoriamente a realização das tarefas que tocam profundamente as massas camponesas não assalariadas empobrecidas: a terra aos que nela trabalham!

A classe operária, sabendo

ganhar o campesinato à perspectiva da revolução proletária, encontrará nele um importante aliado. As últimas décadas da luta de classes no país têm demonstrado como é necessário à classe operária buscar nas massas camponesas um aliado. A luta dessas massas contra o latifúndio e a burguesia rural integra-se naturalmente e completamente a sua luta contra o imperialismo e as forças reacionárias internas.

Apenas a classe operária pode resolver a questão agrária pendente desde sempre. É por isso que em seu programa de governo está inscrita a pequena propriedade agrícola, da mesma forma que a ajuda em créditos, máquinas e técnica, a política de preços mínimos, a eliminação do intermediário especulador e explorador, etc., indispensáveis complementos à concessão dos lotes. Será pela experiência, pela educação e pelo exemplo vivo (a propriedade coletiva)-com o apoio material do proletariado de outros países- que a classe operária brasileira no poder mostrará aos pequenos proprietários a inviabilidade produtiva das pequenas parcelas e lançá-los-á no caminho da coletivização.

Um novo período de mobilizações

Esta perspectiva, embora única realmente válida nos dias que correm, está subordinada à existência do governo operário-camponês, única forma de pô-la em prática. Ainda sob este ângulo, portanto, a crise da sociedade concretiza-se na crise da direção revolucionária do proletariado.

Depois de 1964 as massas trabalhadoras e a juventude estu-

dantil já se lançaram ao combate aberto contra a ditadura militar burguesa. Particularmente em 1968. Expressão no país do novo período da luta de classes internacional, a luta das massas trabalhadoras encontrou-se uma vez mais, naquele ano, impossibilitada de ir adiante e colher frutos positivos pela completa ausência de direções capazes de dirigi-las. Desta maneira, abriu à reação, uma vez mais também, a possibilidade de que contra-golpeasse para arrematar a obra iniciada em 1º de abril: foi a proclamação do Ato I-5 e a partir desse momento a sistematização da tortura e o aguçamento generalizado das medidas repressivas.

As mobilizações, sobretudo operárias e estudantis, ocorridas em 1968, possuíram um caráter diferenciado: de um lado traziam consigo marcas do passado na medida em que as massas não haviam forjado uma direção revolucionária capaz de intervir no processo; de outro, as velhas direções, ou resquícios delas, intervieram neste processo bloqueando as lutas, esvaziando-as de seu conteúdo de classe ou simplesmente desviando-as de um objetivo revolucionário. Seu aspecto mais importante, porém, foi o de apresentar novos e importantes traços que se concretizaram não apenas nos embriões de direções com sangue novo (na maior parte das vezes espontâneas) que as massas iam criando, mas também na forma qualitativamente mais avançada em relação às mobilizações dos anos anteriores. Através dessas novas formas, as massas lançaram-se à luta em suas próximas mobilizações.

O Significado das Oposições Sindicais

São exemplo de embriões de novas direções as oposições sindicais. Dentre as novas formas de luta, e como sua mais clara expressão, contam-se as greves com ocupação de fábricas, sobretudo a o corrida na Cidade Industrial de B.H. em meados do mês de abril de 1968 e aquela ocorrida em Osasco em meados de julho.

As oposições sindicais foram a prova palpável de que os trabalhadores buscavam uma solução própria aos seus problemas, isto é, sua saída independente, de classe.

Essas tendências sindicais, "chapas verdes", demonstraram t^oda a enorme vontade que tinham (e têm, é claro) os operários e trabalhadores em geral em acabar com as direções traidoras e pelêgas a serviço do capital dentro dos sindicatos. T^oda a audiência que tiveram, no curto espaço de tempo em que existiram, prova isto. Entretanto, o fracasso dessas tendências sindicais deve-se, sobretudo, a que os trabalhadores não haviam se libertado completamente da influência dos pelêgos de "esquerda" que se mantinham em sua direção camuflados como direções "radi-cais". Sem dúvida a principal causa d^este fenômeno ainda é a ausência de direção revolucionária no seio da classe operária.

Aliança operário-estudantil

O movimento dos estudantes por todo o país, nas faculdades, escolas e ruas, antecedeu a mobilização do proletariado. Preparou-a, por assim dizer. Anunciou-a.

Foi desde 1965 que o estudantado começou a lançar-se contra a dita dura.

É talvez nesta parcela da juventude que, por suas caracterís-ticas de camada social extremamen-te móvel, sem raízes na produção, iniciando apenas a lançar as bases materiais e psíquicas de seu futu-ro, assim como em sua completa e radical rejeição do "status quo", que se assinala da maneira mais clara e imediata t^oda a putrefação das classes dominantes.

Entretanto, é justamente no meio estudantil que as mais diversas ideologias pequeno-burguesas e burguesas e "teorias" tomam corpo, levando os estudantes a impasses, desilusões e derrotas importantes. As direções oportunistas e centristas de t^oda espécie (stalinista, guerrilheirista, etc.) não sacrificam esforços para desviar os estudantes da classe operária, para lançá-los, mesmo se apenas passivamente, contra esta, para destru-ir suas organizações de massa -da mesma forma que o fazem no meio operário-, para mantê-los dentro dos limites das mais variadas ilusões desmobilizadoras. É assim que as "teorias" s^obre "poder estudantil", "propaganda e luta armadas" fazem, na ausência de uma orienta-ção marxista, carreira entre os estudantes.

A luta dos estudantes é importante para a luta da classe operária se souber com esta última fusionar. Aos estudantes que lutam e querem lutar pela solução dos problemas que o govêrno, o regime e o sistema criam sem cessar nas faculdades e escolas, só existe uma saída: colocarem-se em sua luta contra as classes dominantes

sob a perspectiva operária. Fora da perspectiva da revolução proletária não existe "reforma universitária" ou "reforma educativa" (ambas "soluções" burguesas à crise do sistema) capazes de dar resposta aos problemas materiais e políticos permanentes e cada dia maiores do meio estudantil.

A crise da sociedade, refletindo-se nas escolas e universidades, concretiza-se na crise da direção revolucionária do proletário.

IV. Para onde vamos? O que fazer?

Como já frisado, o "milagre" brasileiro encontra suas raízes, suas indispensáveis condições de realização, na completa ausência de direitos e liberdades democráticas, no Ato I-5, nas leis de imprensa e "segurança nacional", na opressão econômica que é feita às massas trabalhadoras e na representação sistematizada e brutal.

Para que tal estado de fato permaneça, isto é, para que a ditadura militar das classes dominantes se mantenha, é-lhe imperioso que a classe operária, os trabalhadores e a juventude do país não exijam seus direitos, não se reagrupem e se centralizem contra ela, não se organizem para lutar e vencer. É imperioso aos generais da burguesia que as massas continuem aceitando a lei de quartel imposta por suas polícias.

As classes dominantes brasileiras contam com o refluxo que particularmente após o ano de 1968 reina no seio das massas trabalhadoras e da juventude estudantil. Ora, já há muitos indícios de que

riado. Sua resolução deve passar, sem dúvida alguma, na universidade como em toda a sociedade, pela construção do partido operário marxista, mesmo que isto assumam, neste caso, características específicas. Por sua vez, a construção da organização política estudantil passa, obrigatoriamente, pela reconstrução das organizações de massa independentes, sejam essas secundaristas ou universitárias: os centrinhos, os grêmios, as uniões estaduais, a UNE.

Este refluxo começa a ser colocado em causa, seja no movimento camponês, seja no movimento operário.

O Reascenso do Movimento Camponês

Não faltam os exemplos de resistência do campesinato às investidas da ditadura. Não nos referimos às antigas mobilizações anteriores a 1964 ou mesmo àquelas de 1968. Data de 1971 a resistência dos pequenos proprietários de Magé-Estado do Rio contra a tentativa da "América Fabril" de ocupar suas pequenas parcelas de terra. Em agosto do mesmo ano, organizou-se a resistência dos camponeses do município de São Domingos do Capim (às margens da rodovia Belém-Brasília), em luta contra a polícia mandatada pela "Cia. Agro-pecuária Paraporã".

O mesmo se deu nos municípios baianos de Jacobina, Caldeirão Grande, Santa Terezinha, Itambé e Andaraí.

Em janeiro de 1971, no Ceará, os camponeses derrotaram a po-

lícia e os 90 jagunços do grileiro César Campos na fazenda "Japurá", município de Canindé. As medidas adotadas pela ditadura para fazer face às consequências desastrosas da última seca - as chamadas "frentes de trabalho" - não passaram de frentes institucionalizadas da fome.

Foi também vitoriosa a defesa da ilha S. Vicente, em Goiás, contra os capangas do latifundiário Francisco Anunciado.

Estes são apenas alguns exemplos esparsos. Mas o militante revolucionário já pode ver aí toda a efervescência e o ódio que se acumulam no agro brasileiro.

O Reascenso da classe operária

Embora não sejam tão agressivas como as camponesas, as mobilizações dos operários industriais apresentam uma maior profundidade e importante grau de assimilação das experiências anteriores.

No ano de 1970, 340 trabalhadores da "Fábrica de tecidos Vale do Sapucaí", de Itajubá-M.G., paralizaram a fábrica por oito horas em defesa do cumprimento do acordo salarial assinado entre o sindicato e os patrões.

No mesmo estado de Minas, os operários têxteis de S. João do Nepomuceno chegaram a ocupar e fazer funcionar, sob controle operário, a única empresa industrial local.

Os metalúrgicos de Ipatinga, em 1969, usando o sindicato, mesmo apelegado, como instrumento de luta, quebraram os índices salariais do governo conquistando 35% de aumento, percentagem esta que é reivindicação transitória de toda

a classe operária brasileira em sua luta contra o arrôcho. Aliás, em Minas Gerais, o ano de 1969 foi ano de intensa mobilização metalúrgica. Um total de 30.000 operários participou das assembleias reivindicativas dos 20 sindicatos da categoria.

Teríamos muitos outros exemplos a dar. Entretanto, fixar-nos em um exemplo seguinte, bastante significativo do novo período que se prenunciava: a paralização do trabalho por parte de 800 operários da fábrica de tecidos Deodoro exigindo o pagamento de 3 quinzenas de salários atrasados. A greve de 27/9/71 desta fábrica, localizada em plena Vila Militar, desorientou, pela sua gravidade, o aparelho da repressão. Apesar dos insistentes apêlos dos patrões, o exército recusou-se a intervir, e a própria polícia não ousou penetrar na fábrica, dentro da qual os operários permaneciam de braços cruzados. A solidariedade de classe impediu que fosse consumada a manobra delatora dos dirigentes pelêgos do sindicato têxtil, que solicitaram fossem apontados "quais os líderes" do movimento para melhor negociar... Os operários responderam: "Aqui não há dirigentes, estamos todos unidos, um por todos-todos por um".

Não, senhores "teóricos" que pretendem substituir-se à luta de classes, o proletariado não está acomodado! Esses indícios são mais do que suficientes para mostrar que o refluxo começa realmente a ser colocado em causa.

O sentido das próximas lutas

O fracasso dos grupos ter

roristas é hoje em dia aceito por todos, inclusive por êsses próprios grupos (à exceção de alguns nos tálgicos). Um número cada vez maior de militantes dirigir-se-á ao terreno da luta de classes, junto ao proletariado, às massas rurais empobrecidas, à juventude trabalhadora, à juventude estudantil.

Não se trata para nós, trotsquistas, de prever o dia e a hora em que as massas irromperão novamente na cena política. Não, não se trata disto. Entretanto, é não apenas a situação nacional como também tôda a situação internacional, com seus reflexos no país, que permitem prever mobilizações para o próximo período da luta de classes.

A fôrça de tais mobilizações, sua duração assim como sua capacidade de golpear a reação estarão determinadas pelas direções que a classe operária e a juventude estudantil souberem e tiverem construído. De qualquer maneira, o combate que as massas engajarão uma vez em movimento, chocar-se-á imediatamente contra a ditadura militar, contra o govêrno, colocando na ordem do dia e de maneira explícita a questão governamental, isto é, qual govêrno, finalmente, é capaz de responder às suas exigências e aspirações. Nos dias que correm, tais aspirações dizem respeito em primeiríssimo lugar à questão dos direitos e liberdades democráticas que a ditadura militar das classes dominantes pisoteia todos os dias.

Luta pelas Liberdades Democráticas

Dentro desta perspectiva, a luta contra a ditadura é insepa-

rável da luta pelas liberdades democráticas. E isto desde já, desde hoje. Sem tal luta não pode existir luta pelo govêrno operário-camponês, mesmo porque esta palavra-de-ordem não pode, nas atuais condições, ser agitada ao dia a dia, mas unicamente figurar em nossa propaganda.

A simples reivindicação das liberdades e direitos democráticos coloca, e colocará ainda mais quando as massas começarem a se mobilizar, a questão governamental.

"Os países coloniais e semi coloniais são, por sua própria natureza, países atrasados. Mas êsses países atrasados vivem nas condições da dominação mundial do imperialismo. É por isso que seu desenvolvimento tem um caráter combinado: reúne em si as formas econômicas mais primitivas e a última palavra da técnica e da civilização capitalistas. É isto que determina a política do proletariado dos países atrasados: êste está obrigado a combinar a luta pelas tarefas mais elementares da independência nacional e da democracia burguesa com a luta socialista contra o imperialismo mundial. Nesta luta, as reivindicações da democracia, as reivindicações transitórias e as tarefas da revolução socialista não estão separadas em épocas históricas distintas, mas decorrem, imediatamente, umas das outras". (PROGRAMA DE TRANSIÇÃO).

Em sua tarefa de organizar as massas, centralizá-las e lançá-las contra a ditadura, isto é, construir o partido revolucionário da classe operária, o combate dos marxistas pelas liberdades e direitos democráticos, ao dia a dia, de maneira agitativa e desde hoje, des-

de já, é indispensável, é imperativo. Minimizá-lo é um gravíssimo erro. Esquecê-lo é pura e simplesmente um absurdo.

Consciência das massas

Os trotsquistas sabem que só podem almejar elevar o nível de consciência das massas ao nível de seu programa (e é justamente disto que se trata), isto é, organizar essas massas e construir o partido, se se baseiam na consciência real que essas massas possuem a cada momento da luta de classes. Esta consciência reflete obrigatoriamente suas mais profundas aspirações e anseios. Apenas assim os trotsquistas poderão utilizar esta consciência para, juntamente com as massas, avançarem em direção ao objetivo histórico que se dão: o governo dos trabalhadores, a ditadura do proletariado, o socialismo. Fora desta política, toda a atividade dos trotsquistas seria puro sectarismo.

Nem cabe dúvida - é bom repetir - que nos dias que correm, nas condições atuais de ditadura militar, a consciência das mais amplas massas trabalhadoras e juvenis está profundamente sensível à questão das liberdades democráticas. Para essas massas, tais liberdades são algo por elas conquistado em períodos anteriores e que lhes foi arrancado a força.

Tão importante quanto estas reivindicações são as da luta pelas necessidades mais elementares do proletariado: trabalho e salário. "ABAIXO O ARROCHO!"; "35% JÁ!" "DIREITO DE GREVE"; "FORA COM A PELEGADA!".

"A tarefa estratégica do

próximo período - período pré-revolucionário de agitação, de propaganda e de organização - consiste em vencer a contradição entre a maturidade das condições objetivas da revolução e a não maturidade (subjetiva) do proletariado e de sua vanguarda. É preciso ajudar as massas, no processo de suas lutas quotidianas, a encontrar a PONTE ENTRE SUAS REIVINDICAÇÕES ATUAIS E O PROGRAMA DA REVOLUÇÃO SOCIALISTA (grifo de Outubro). Esta ponte deve constituir-se num sistema de REIVINDICAÇÕES TRANSITÓRIAS, que parta das condições atuais e da consciência atual de amplas camadas da classe operária, e que conduza invariavelmente a uma só e mesma conclusão: a conquista do poder pelo proletariado". (Programa de Transição).

A Atual Política do P.C.B.

O crime contra a classe operária e contra a juventude estudantil, é descer ao nível da consciência que essas massas possuem, e aí manter-se, alimentando-lhes, assim, as mais variadas ilusões com respeito à maneira de como reconquistar seus direitos. Essa política oportunista e reacionária só tem um significado: fechar às massas qualquer perspectiva de saída da atual situação, trancá-las num beco sem saída que lhes trará novas e cruéis derrotas.

Quem mais uma vez oferece a expressão mais acabada desta política suicida é o PCB.

Os burocratas do PCB falam hoje em luta contra a ditadura e pela conquista das liberdades democráticas. Quem as dará? Quem as garantirá? Os stalinistas já têm

há década a resposta: a burguesia "progressista", "nacional", anti-imperialista, etc., etc. É por isso que todo o sentido que dão a sua atual propaganda e agitação está inteiramente contido na perspectiva que traçam: um governo das forças anti-ditatoriais, isto é, um governo burguês!

Antes mesmo que qualquer setor importante das classes dominantes ponha-se a falar e agitar seriamente uma alternativa à atual ditadura, a direção do PCB almeja, suplica e insiste calorosamente com a burguesia que ela aceite e realize a perspectiva que esta direção traçou para a classe dominante. O PCB almeja, profundamente, que surja hoje uma fração burguesa capaz de levar a cabo aquilo que nunca nenhuma outra fração conseguiu sequer começar seriamente a fazer.

Os que os stalinistas desejam ardentemente é simplesmente voltar ao passado, tal como era antes do golpe de 1964, isto é, voltar aos bons anos de Jango e Cia. Desejam não apenas voltar a este passado, como coagular-lo no tempo. Desejam o fim da luta de classes, não pela revolução proletária vitoriosa no mundo, mas pela paralisia da história no dia em que esta coisa apelidada de "governo anti-ditatorial" chegar ao poder. Eis porque ressuscitam hoje sua carcomida fórmula de "governo democrático popular" com novas roupagens e secundárias correções para o bom serviço da causa contra-revolucionária e anti-operária da qual são, reconhecida e justamente, os campeões.

Nesta política do PCB vê-se da maneira mais clara como orien-

tar o proletariado e os trabalhadores, assim como a juventude estudantil, aos braços desta mesma burguesia, valendo-se de seu genuíno ódio à ditadura militar burguesa atual.

As falsas "alternativas"

Foge dos objetivos gerais deste documento uma análise detalhada dos diversos grupos pequeno-burgueses que, após 1967, pretendam ser uma "alternativa" à esquerda do PCB. Analisaremos apenas o caráter comum a todos eles: um obstáculo suplementar à luta do proletariado e das massas populares pela construção de suas direções revolucionárias e organizações de massa.

O período de lutas 1964-1968 forjou toda uma imensa vanguarda, fundamentalmente estudantil mas também operária, que, embora ainda tivesse um longo caminho a percorrer, já fazia uma crítica parcial do stalinismo, particularmente de seu "reformismo". A ausência de direção revolucionária, aliada à impaciência e à arrogância frente às massas, lançaram tais setores no caminho de uma aventura que culminou com sua destruição política e até mesmo física, dando à ditadura um preciosíssimo prazo histórico.

Todos os grupos guerrilheiros e "vanguardistas" têm isto em comum: recusam-se a lutar pelas reivindicações parciais ou transitórias, isto é, pelos interesses e pelas necessidades elementares das massas tais como elas são. Incapazes de se ligarem às massas, eles as acusam, auto-satisfeitos, de serem incapazes de se elevar

até suas idéias "revolucionárias". Em suma: recusam-se a lutar pela criação de organizações do proletariado independentes da burguesia, condição básica para que se dêem os grandes enfrentamentos de classe.

Os militantes brasileiros já se interrogam hoje sobre os erros cometidos nesse período histórico. Declaramo-nos dispostos a discutir, sem qualquer sectarismo, com qualquer militante que esteja disposto a balancear o período anterior sob uma perspectiva de classe, a partir das necessidades do proletariado brasileiro.

...e os irrecuperáveis?

Quanto a estes, apóstolos do "neo-guerrilheirismo" e das simples correções técnicas da "luta armada", simplesmente fazemos nos as palavras do Programa de Transição:

"As derrotas trágicas sofridas pelo proletariado mundial durante uma longa série de anos empurraram as organizações oficiais a um conservadorismo ainda maior, e conduziram, ao mesmo tempo, os "revolucionários" pequeno-burgueses a procurar soluções "novas". Como sempre, nas épocas de reação e de declínio, aparecem toda sorte de mágicos e charlatões. Eles que rem revisar todo o encaminhamento do pensamento revolucionário. Em lugar de aprender do passado, eles o "corrigem".

Alguns dentre eles descobrem a inconsistência do marxismo, outros proclamam a falência do bolchevismo, fazendo cair sobre a doutrina revolucionária a responsabilidade dos erros e dos crimes da

queles que a traíram (...) Os mais audaciosos prometem descobrir uma panacéia e, no momento, recomendam que se paralize a luta de classes. (...) Assim, sob a aparência de "uma nova via", tudo o que propõem ao proletariado não passa de velhas receitas, já há muito enterradas nos arquivos do socialismo de antes de Marx.

(...) Todas essas organizações não são uma semente do futuro mas podres sobrevivências do passado. A época das guerras e revoluções não deixará delas pedra sobre pedra."

Nossa Luta nos Sindicatos

Os trotsquistas, em seu trabalho e luta pela construção do partido marxista, rejeitam veementemente as "teorias" ultra-esquerdistas e derrotistas que procuram afastar a vanguarda revolucionária e a classe operária dos sindicatos, ao mesmo tempo que querem criar sindicatos "vermelhos" ou "livres". Deixamos aos ultra-esquerdistas a preocupação de "reformular" os princípios bolcheviques. O proletariado brasileiro sabe perfeitamente porque deve tomar a direção dos sindicatos das mãos da plebeia.

No Brasil, os sindicatos operários estão sob a direção de uma burocracia ao inteiro serviço do capital, ao mesmo tempo que estão sob o controle do governo. Esse controle é exercido por vários canais: imposto sindical obrigatório, arbitragem das lutas salariais pela justiça do trabalho, etc. O aparente descrédito que a massa de trabalhadores têm de suas organizações é na verdade o refle

xo do descrédito que votam às direções pelêgas.

Trata-se, para os trotsquistas, de lutar dentro dos sindicatos pela derrubada das direções pelêgas e pela implantação de direções sindicais a serviço do proletariado, dos trabalhadores e da revolução socialista. Trata-se de lutar pela construção de sindicatos de massa independentes da burguesia e de seu governo, sindicatos de luta de classes. Lutamos por sindicatos verdadeiramente democráticos, isto é, abertos a todos os trabalhadores independentemente de suas opções políticas, sindicatos onde possam existir tendências, condição indispensável a uma verdadeira democracia operária. Uma única condição, impõe-se: que essas tendências situem-se, em sua luta política, no terreno da classe operária e dos trabalhadores. A ênfase respeito, o que é válido para os sindicatos operários urbanos é também válido para os sindicatos rurais.

A realização da tarefa acima exposta dependerá da relação de fôrças entre o proletariado e a burguesia, assim como entre aquêle e as direções pelêgas. Eis por que a luta sindical está obrigatoriamente, intimamente ligada à luta geral das massas trabalhadoras e dos revolucionários contra a ditadura militar atual, contra a burguesia e pelo governo operário-camponês.

Os trotsquistas lutarão, portanto, pela criação de tendências sindicais revolucionárias, isto é, a serviço da revolução proletária e da classe operária, e não a serviço do capital, como é o caso das atuais direções sindicais,

compradas pelas classes dominantes. Nêste sentido, lutarão pela criação e fortalecimento das posições sindicais, desembrasadas dos pelêgos de "esquerda", os quais combaterão sob tôdas as formas.

As Tarefas no Movimento Estudantil e Camponês

No meio estudantil, as direções centristas e oportunistas impediram que através da UNE se concretizasse a aliança operário-estudantil. Os trotsquistas lutarão nas faculdades e escolas pela reconstrução das organizações de massa independentes. A possibilidade de que os estudantes possam colocar-se e lutar sob a bandeira proletária, está completamente subordinada à existência dessas organizações estudantis, assim como daquelas da classe operária. Falar em aliança operário-estudantil sem levar em conta êste requisito, supor esta união no abstrato, é puro e simples falatório.

A aliança operário-estudantil não se fará por intermédio de coletas piedosas, pela "proletarização" ou outras ilusões morais. O traço de união entre a classe operária e os estudantes são suas organizações. Fora delas nada é possível.

O que é válido com respeito à aliança operário-estudantil é também válido com respeito à aliança operário-camponesa, pela qual lutam os trotsquistas. A aliança operário-camponesa só é possível por intermédio das organizações operárias e camponesas de massa. Os marxistas lutam pela construção dos sindicatos de operários agrícolas, independentes da burguesia e

dos agentes dos latifundiários, ú nica forma de concretizar a aliança dos camponeses com a classe o perária. O proletariado rural o rganizado, parte integrante da CGT, é o elo através do qual realizar-se-á, no campo, a aliança entre os operários industriais das cidades e as massas camponesas organizadas. É a forma através da qual se concretiza a aliança operário-camponesa.

Frente Única Operária

O caminho do proletariado em direção ao poder é inseparável de sua organização e unificação, da união de seus setores mais avançados com os mais atrasados, da participação, na luta contra o estado burguês, de todas as tendências operárias. Em outras palavras, a estratégia da tomada do poder pelo proletariado está intimamente ligada à tática da Frente Única Operária. Esta é, pois, a condição para que a classe operária assuma seu papel dirigente na sociedade.

Agrupando, no Brasil, todas as tendências de classe em absoluta liberdade de expressão e propaganda, seja ao nível da fábrica e sindicato, seja ao nível de sua máxima expressão nacional - a Central Geral dos Trabalhadores, C.G.T. -, os militantes revolucionários guiar-se-ão sempre por uma linha mestra:

Expressar a vontade da classe operária de erguer-se como uma massa unida frente à burguesia, com os instrumentos de que dispõe: suas organizações de massa.

+ + +

A Frente Única Anti-Imperialista

Ao organizar-se e unificar-se, o proletariado irá-se impondo como o núcleo dirigente da Frente Única Anti-imperialista.

A tática da Frente Única Anti-imperialista foi adotada pelo IV Congresso da III Internacional; sua redação e defesa estiveram a cargo de Lênin. Ela se aplica aos países economicamente atrasados, onde, com exceção das classes dominantes e setores por ela corrompidos, a maioria da população tem interesse na expulsão do imperialismo. É, pois, a forma tática que permite ao proletariado dirigir as imensas massas populares. Neste sentido, difere radicalmente das Frontes populares, sob qualquer roupagem moderna com que estas se apresentem; é a antítese da colaboração de classes apregoada pelos stalinistas, pois sua concretização máxima é o governo operário-campônês.

Soviets

Esta unificação atingirá, nos momentos de agudo ascenso revolucionário (toda a história do movimento operário mundial nos prova isso), a forma soviética, isto é, a forma de conselhos operários. Os soviets - conselhos de delegados eleitos pela base dentro da mais ampla democracia operária - são a mais alta expressão do fato que as classes exploradas já atingiram a maturidade suficiente para tomar o poder.

"Os comitês de fábrica são um órgão de duplo poder dentro da própria fábrica. É por esta razão

que sua existência só é concebível em momentos de pressão crescente das massas.(...) Nenhuma das reivindicações transitórias pode ser completamente realizada enquanto se mantiver o regime burguês. Ora, o aprofundamento da crise social aumentará não somente o sofrimento das massas, mas também sua impaciência, sua firmeza, seu espírito de ofensiva. Camadas sempre novas de oprimidos levantarão a cabeça e lançarão suas reivindicações. Milhões de necessitados, nos quais, os chefes reformistas não pensam jamais, começarão a bater às portas das organizações operárias. Os desempregados entrarão no movimento. Os operários agrícolas, os camponeses arruinados ou semi-arruinados, as camadas inferiores da cidade, as trabalhadoras, as donas de casa, as camadas proletarizadas da intelligentsia, todos procurarão um reagrupamento e uma direção."

"De que maneira harmonizar as diferentes reivindicações, mesmo que fôsse nos limites de uma só cidade? A história já respondeu a esta pergunta: graças aos soviets, que reúnem os representantes de todos os grupos em luta. Ninguém propôs, até hoje, nenhuma outra forma de organização e é duvidoso que se possa inventar outra. Os soviets não estão unidos a priori por nenhum programa. Eles abrem suas portas a todos os explorados.(...) Todas as tendências políticas do proletariado podem lutar pela direção dos soviets sobre a base da mais ampla democracia. Eis porque a palavra de ordem de soviets é o coroamento do programa das reivindicações transitórias".(Programa de Transição)

Conhecemos perfeitamente

qual é o estágio atual da luta de classes no Brasil. Mas a força do método marxista reside justamente na sua capacidade de prever os acontecimentos, de dominá-los e de não ser submergido por eles. Mais cedo ou mais tarde, muito antes do que pensam as classes dominantes, as massas trabalhadoras das cidades e dos campos seguirão as leis inexoráveis da luta de classes.

Conclusão

Tôda a análise, tôdas as diretivas, tôdas as afirmações contidas neste documento desembocam em uma única e mesma conclusão: a necessidade imprescindível do partido.

Os trotsquistas, ao se engajarem nesta luta pela construção e reconstrução das organizações de massa, sindicais e políticas, do proletariado, dos camponeses e da juventude estudantil, sabem perfeitamente que a mesma só será vitoriosa se for concomitante com a luta pela construção do partido revolucionário da classe operária brasileira.

Quando Marx e Engels afirmavam em 1948: "Proletários de todos os países, uní-vos!", isso não era um simples slogan propagandístico. Pelo contrário, durante toda a sua vida de militantes, lutaram para dar expressão orgânica a esta necessidade histórica, construindo a I e II Internacionais. Da mesma forma, o partido bolchevique de Lenin e Trotsky generalizou, da maneira mais elevada, a experiência da Revolução de Outubro, criando a III Internacional.

Em nossos dias, após as trações da social-democracia e do

stalinismo, é a IV Internacional a reconstruir que será a garantia do triunfo mundial da revolução socialista.

A efervescência que hoje reina junto aos militantes brasileiros, no Brasil e no exterior; a procura das formas de superar os erros anteriores; o novo período da luta de classes que se aproxima: tudo isso será jogado por terra se não culminar na construção do Partido Operário Revolucionário no Brasil, parte da batalha pelo partido mundial dos trabalhadores, a IV Internacional a se reconstruir.

Os trotsquistas brasileiros participam deste processo de balançamento das lutas anteriores, sem sectarismo nem dogmatismo. Munidos do método marxista e da experiência da luta de classes internacional, procuraremos, junto com a classe operária e sua vanguarda, as respostas aos problemas específicos da revolução brasileira. E é neste sentido que chamamos todos

os militantes honestos à discussão ampla e aberta.

"Contra o monolitismo stalinista; contra o despotismo burocrático das organizações centralistas; contra o liberalismo individualista das organizações pequeno-burguesas, propomos a concepção bolchevique de funcionamento partidário: o centralismo democrático. A liberdade na discussão é a única forma que permite a uma direção de compreender a totalidade de uma realidade política; somente a unidade na ação permite ao Partido golpear como se fôsse um só homem."

"Olhar a realidade de frente; não procurar a linha de menor resistência; chamar as coisas pelo seu próprio nome; dizer a verdade às massas, por mais amarga que ela seja; não temer os obstáculos; ser rigoroso nas grandes e nas pequenas coisas; ser audacioso na hora da ação: estas são as regras da IV Internacional."

OPERÁRIOS E OPERÁRIAS DE TODOS OS PAÍSES, UNI-VOS
SOB A BANDEIRA DA QUARTA INTERNACIONAL.
É A BANDEIRA DE VOSSA PRÓXIMA VITÓRIA!



LEIA E DIVULGUE OUTUBRO
ÓRGÃO TROTSQUISTA BRASILEIRO
- PELA RECONSTRUÇÃO DA IV INTERNACIONAL -

Nos próximos números:

- A luta do proletariado paulista contra o arrôcho
- As mobilizações de 1968: um balanço necessário
- A intervenção dos trotsquistas na luta de classes no Brasil: entrevistas com militantes da Fração Bolchevique-Trotsquista e da Organização Comunista 1° de Maio
- O trotsquismo e o movimento camponês no Nordeste
- As oposições sindicais no Rio Grande do Sul
- A frente única operária no Brasil: suas particularidades
- O stalinismo no Brasil
- O guerrilheirismo (e suas variantes): causas e consequências políticas
- A I Conferência Latino-americana pela reconstrução da IV Internacional
- A Revolução Boliviana: série de artigos que incluirá textos inéditos sobre a Assembléia Popular, a criação das milícias operárias e o armamento do proletariado
- Entrevistas com dirigentes das organizações trotsquistas do México, Argentina, Peru, Venezuela, Bolívia e Chile

Directeur de Publication
Gerard Bloch